

Os fundamentos da Escatologia Veterotestamentária

Pr. Sergio Dario, M.Th

Os fundamentos da escatologia bíblica se encontram nos escritos veterotestamentários, e para compreender os acontecimentos do fim faz-se necessário compreender os principais temas escatológicos do Antigo Testamento, a saber, a morte, ressurreição, Filho do Homem, o Reino de Deus, as Setenta Semanas de Daniel e o Dia do Senhor (Yom Yahweh).

I. A morte e a ressurreição no Antigo Testamento

a. A morte e sheol

1. A morte

Nas Escrituras do Antigo Testamento, a morte demonstra ser uma realidade incontestável (Nm 16.29; 2 Sm 14.14; 1 Rs 2.2; Jó 14.1,2; 16.22; 30.23; Sl 49.10; Ec 9.5; Is 51.12). A raça humana é a imagem e semelhança de Deus, mas é diferente de Deus, pois os homens morrem. Sabe-se que a morte é o oposto da vida, mas o que é a morte? Como o Antigo Testamento a descreve? E como os personagens bíblicos viam a morte? A morte é o cessar da respiração, logo, o fim da vida (Jó 34.14,15). Segundo Smith, no Antigo Testamento, “a morte é mais que a cessação da vida física, ela pode referir-se a qualquer coisa que ameaça ou enfraquece a vida ou a vitalidade, como o pecado, doença, escuridão, água, ou mar”. Desta forma, a palavra morte é empregada como metáfora, poder oposto à vida e morte física. As pessoas morrem independentemente de idade, raça ou status social, e as causas são as mais diversas (1 Sm 15.33; 31.4,8,9; 2 Sm 2.23; 18.9,14,15).

2. O sheol

Embora o Antigo Testamento não apresente uma explicação sistemática sobre o que acontece com o ser humano após a morte, vários textos deixam claro que após a morte, o ser humano vai para o sheol, o lugar dos mortos. O significado do termo hebraico sheol é complexo, sua origem etimológica é incerta e é traduzido de diversas formas: túmulo, sepultura, inferno e abismo. No sheol havia pessoas boas e ruins, ricos e pobres, crianças e adultos, justos e ímpios, logo, a morte nivela todos os homens. O sheol não era um lugar atrativo, contudo não se tornava um lugar desesperador para o justo, pois transmitia a idéia de que a morte não era o fim absoluto da vida humana (Jó 24.19; Sl 9.17; 16.10; 31.17; Is 66.24; Ez 32.23; Ml 4.1-3) e que Deus controlava o sheol (Jó 26.6; Sl 139.8; Am 9.2).

b. A ressurreição

A doutrina da ressurreição dos mortos é fundamentada na fé de que Deus controla a vida e a morte, 1 Sm 2.6. A vida e a morte estão nas mãos de Deus. Uma fé mais clara na ressurreição é encontrada nos capítulos 24-27 de Isaías, seção conhecida como apocalipse de Isaías. “os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó”, Is 26.19. Embora alguns

intérpretes preferissem entender este texto de forma metafórica, uma referência à restauração de Israel, Is 26.19 aponta a futura ressurreição dos justos para vida eterna.

Outro texto importante sobre a ressurreição no AT se encontra em Dn 12.2: "... e muitos dos que dormem debaixo da terra, despertarão, este para a vida, aquele para o vitupério, para infâmia eterna". Este texto descreve claramente a ressurreição eterna dos mortos para o julgamento final. Deus recebe o justo na glória, Sl 73.23-28; Sl 16.10.

II. O Filho do Homem no Antigo Testamento

a. O significado da expressão "filho do homem" no Antigo Testamento

A expressão "filho do homem" ocorre cerca de 108 vezes no Antigo Testamento (Nm 23.19; Jó 16.21; Sl 8.4-5; Is 51.12; Ez 13.2; 14.3; 15.2; 16.2; 17.2; Dn 8.17; 10.16). O profeta Ezequiel é chamado de "filho do homem" 93 vezes. Esta expressão, geralmente, se refere a um ser humano em contraste ao ser divino.

b. O significado de "filho do homem" em Daniel 7

Em Daniel 7.13, a expressão "filho do homem" é utilizada num sentido diferenciado, referindo ao Messias. Neste texto específico, "filho do homem" é contrastado com 4 grandes monstros que representam 4 reinos humanos, logo, o "filho do homem" é o representante do quinto reino. Daniel 7.14 descreve o domínio, glória e reino eterno sendo dados ao "filho do homem". O Filho do homem é apresentado como rei soberano sobre os reinos humanos, subjugando todos os povos e reafirmando a eternidade de seu domínio, glória e reino, pois jamais será destruído. "Os santos receberão o reino e possuirão para todo sempre, de eternidade em eternidade" (Dn 7.18), assim, os justos reinarão com Cristo.

III. O Reino de Deus no Antigo Testamento

a. O Reino de Deus presente

A expressão reino de Deus não aparece no Antigo Testamento, no entanto, o pensamento de que Deus é o Rei soberano está claramente presente nos escritos veterotestamentários. Deus apresentado como Rei de Israel (Dt 33.5; Sl 84.3; 145.1; Is 43.15;) e Rei sobre toda os povos (Sl 29.10; 47.2; 96.10; 97.1; 103.19; Is 6.5; Jr 46.18). Os oráculos de julgamentos e as execuções de juízo sobre as nações pagãs comprovam que Deus exigia justiça de todos que estavam sob seu governo, e não apenas de Israel.

b. O Reino de Deus escatológico

Além da idéia de um Reino de Deus presente, em que tanto Israel como os povos são julgados, o Antigo Testamento desenvolve também a idéia de um Reino de Deus escatológico. Daniel 2 descreve um Reino que um dia levantaria e jamais seria destruído. Este reino sucumbirá todos os reinos humanos e permanecerá para todo sempre (v.44-45).

IV. As setenta semanas de Daniel Dn 9.20-27

a. A discussão em torno das setenta semanas de Daniel

Há duas abordagens básicas quanto ao entendimento das semanas. Há abordagem simbólica e a literal. Na primeira, os setenta anos de punição (Dn 9.2) foram multiplicados por sete vezes com as maldições da aliança (Lv 26.18,21,24,28). A abordagem literal se subdivide em três correntes interpretativas. A primeira defende o cumprimento desta profecia no período inter-bíblico, mas precisamente, na época de Antíoco IV. A segunda defende o cumprimento de todas estas semanas até o primeiro advento do Messias. Outros entendem que todos os aspectos desta profecia ainda não foram cumpridos e que seu cumprimento final se dará no segundo advento do Messias.

b. O significado das setenta semanas de Daniel

As setenta semanas de Daniel possuem importância significativa para a escatologia, e é uma das profecias mais discutidas no Antigo Testamento e foco de muitas controvérsias. As setenta semanas são divididas em três partes: um período de sete semanas (49 anos, Dn 9.25), um segundo período de sessenta e duas semanas (434 anos, Dn 9.25-26), e uma última semana (7 anos, Dn 9.26-27), a mais cruel e temível de todas, que resulta na destruição do perseguidor e libertação final do povo de Deus. Não existe acordo entre os intérpretes se estes períodos são sequenciais ou se há intervalos entre eles.

c. O cumprimento das setenta semanas

O primeiro período de sete semanas pode ser uma referência à conclusão bem sucedida da reconstrução de Jerusalém. A cidade foi reconstruída durante este período, sob oposição “nos tempos angustiosos” conforme predito em Dn 9.25 e confirmado em Ne 4.18.

O segundo período de sessenta e duas semanas estende-se desde a conclusão da reconstrução de Jerusalém até o início do ministério de Cristo. Outros acreditam que as sessenta e duas semanas seriam o tempo durante o qual a cidade de Jerusalém seria reconstruída (538 a.C) e quando foi destruída pelos romanos (70 d.C).

Quanto ao significado da última semana (Dn 9.26-27), não existe acordo entre os estudiosos. Basicamente, existem duas posições. Existem aqueles que defendem que a expressão “depois das sessenta e duas semanas, será morto o ungido” é a descrição da septuagésima semana e uma referência a crucificação de Cristo. Para estes a expressão “fará firme aliança” significa que Cristo executaria seu ministério público e obra redentiva. Outros defendem um intervalo entre a sexagésima nona e a septuagésima semana, e este parêntese abrange toda a era da igreja até o arrebatamento, portanto, segundo esta interpretação, a septuagésima semana terá seu cumprimento no segundo advento do Messias. Portanto, para os defensores desta interpretação, o príncipe descrito em Dn 9.25 é o anticristo que fará aliança com o povo judeu durante o período de sete anos de tribulação.

d. Os resultados das setenta semanas

As setenta semanas teriam os seguintes resultados: “fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos”, Dn 9.24. As setenta semanas testemunhariam o final da transgressão (Dn 9.24) e o

término dessa transgressão para alguns intérpretes ocorre no ministério de Cristo, quando Israel culmina sua resistência a Deus ao rejeitar o Messias, o Filho de Deus. Em seguida, os pecados seriam selados, ou seja, reservados para punição, e como castigo, aconteceria a destruição final do templo ocorrido em 70 d.C (Mt 24.2,34). A expiação dos pecados foi realizada, uma vez por todas, por Cristo na sua morte, e como resultado disto, a justiça eterna foi efetuada. Diante disso, a profecia foi selada, ou seja, cumprida, uma vez que selar um documento pode incluir fechá-lo e autenticá-lo, testificando a veracidade da visão e da profecia. Cristo entrou no Santo dos Santos e consumou toda a obra de redenção. Outra proposta de interpretação destes resultados seria entendê-los não como uma realização objetiva mas como uma aplicação subjetiva, logo, teria cumprimento final no segundo advento do Messias.

V. O dia do Senhor no Antigo Testamento

a. O significado do dia do Senhor

O dia do Senhor é uma frase muito comum nos escritos proféticos do Antigo Testamento. De forma geral, o dia do Senhor era uma referência ao dia em que Deus subjugaria os inimigos e salvaria Israel, o seu povo eleito. Portanto, o dia do Senhor era um dia de juízo mas também de salvação.

b. O dia do Senhor nos escritos proféticos

Os israelitas acreditavam que era esse o dia em que Deus se ergueria para julgar todos os seus inimigos e salvar Israel de forma espetacular, mas, o profeta Amós utilizou esta frase como símbolo do juízo iminente de Deus sobre Israel, Am 5.18. Sofonias reconhecia o dia do Senhor como julgamento universal, abrangendo todas as nações, Sf 1.14-18.

Joel e Isaías falam do dia do Senhor como um dia de trevas e escuridão, contudo, o juízo é seguido de uma nova glória e nova luz, Jl 2.2, 28,32; Is 24.21-23. Em Daniel, o juízo universal de Deus introduz a chegada do reino dos santos do Altíssimo, Dn 7.10-28. O pensamento de um juízo universal das nações introduz a promessa da inauguração do reino perene dos santos do Altíssimo.

c. O dia do Senhor: juízo e salvação, iminente e escatológico

O dia do Senhor é o dia em que todos os povos reconheceriam a supremacia e o senhorio do Deus de Israel sobre o universo. Seria um dia de juízo sobre as nações inimigas e o triunfo dos remanescentes fiéis israelitas. O tema “dia do Senhor” possui tanto um cumprimento imediato como escatológico no Antigo Testamento. Ao mesmo tempo que o profeta anunciava o juízo e salvação iminentes, também prenunciava o grande e terrível dia do Senhor, o juízo final escatológico. “por que o dia do Senhor está prestes a vir sobre todas as nações”... “mas no monte Sião haverá livramento” ... “e o reino será o Senhor”. Ob 15,17,21. O livro de Obadias descreve o juízo de Deus sobre Edom e a salvação de Israel, mas este juízo e salvação são apenas amostras do juízo e salvação plenas que estava por vir.

Considerações finais

Enfim, a morte é uma realidade para a humanidade, contudo, não devemos temê-la. Cristo venceu a morte e a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição. Os crentes do Antigo Testamento acreditavam na ressurreição e na vinda do Reino de Deus, e esta expectativa estava relacionada com o advento do Messias, o Filho do homem. O Reino de Deus foi o tema central da pregação de João Batista, Jesus e dos apóstolos. Cristo anunciou a chegada do Reino de Deus, no entanto, a consumação final é um aspecto vindouro, logo, já desfrutamos das bênçãos do Reino de Deus no presente, mas no porvir será de forma plena.

Referências Bibliográficas

1. KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
2. SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: História, Método e Mensagem*. São Paulo : Vida Nova, 2001
3. ROWLEY, H. H. *A Fé em Israel*. São Paulo: Teológica, 2003.
4. VAN GRONINGEN, Gerard. *Da Criação a consumação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
5. WALLACE, Ronald S. *A mensagem de Daniel*. São Paulo: ABU,1985.
6. BALDWIN, Joyce G. *Daniel*. São Paulo: 2006.